

RESENHA

Frestas do indizível

Eliana Luiza dos Santos Barros

Contra Capa; Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, 2022, 128 págs.

De aspirante à inspirante, efeitos plásticos de um luto e de sua travessia

From aspirant to inspirant, plastic effects of a mourning and its crossing

De aspirante a inspirante, efectos plásticos de un duelo y su travesía

D'aspirant à inspirant, effets plastiques d'un deuil et de sa traversée

LUCIA MARIA DE FREITAS PEREZ

“Sou aspirante a escrever [...]. Sem método, escrevo, subscrevo e reconstruo a errância da existência”, diz-nos Eliana Luiza dos Santos Barros, à página 14, de seu último livro *Frestas do Indizível*, recentemente publicado pela Contra Capa e pelo Corpo Freudiano do Rio de Janeiro. Aspirante é aquele(a) que aspira, que sorve, que bebe lentamente, degustando em pequenos goles as memórias de sua dor. Bebe, sofre e se angustia, mas dá a seu sofrimento um destino outro, diferente de uma das personagens de seu livro – a mãe da protagonista – que “precisou se entorpecer demais para dar conta das perdas que a vida lhe impôs (...)” e que na “tentativa de contrabalançar o sofrimento extremado, acabou extrapolando uma adição corrosiva, jamais aceitando o que se excedia.” (Barros, 2022, p. 43).

Em seus termos, seus recortes nos trazem, em muitos momentos, de volta à Freud. Destaco, inicialmente, o insuperável *O mal-estar na civilização* (1930[1929]), quando o

pai da psicanálise nos alerta para o quanto a vida é árdua demais e que, para suportá-la, não podemos dispensar medidas paliativas: “derivativos poderosos que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela” (Freud, 1929-30, p. 93).

Decididamente, diferente de sua progenitora, Eliana não abre mão de sua sensibilidade e, neste pequeno grande livro, não recua diante das bordas de seus abismos, encontrando na palavra uma forma para transpassar e contornar o vazio oco produzido por um acontecimento trágico: a morte de uma criança (sua irmã).

Impotente e absolutamente estarecida, deparei com o corpo da criança inerte no asfalto quente, embebido em sangue. Alguns cachos de seu cabelo encaracolado ficaram no chão, violentamente arrancados pela força de um pneu de caminhão. Deflagrou-se em mim uma incredulidade nebulosa. Virei do avesso. (Barros, 2022, p. 57).

Com Freud e no contundente texto de Eliana, aprendemos que a interrogação sobre a morte, manifesta ante a perda de uma pessoa amada, surge como consequência de um conflito emocional, de um desejo interdito que se realiza. Marca de uma ambivalência afetiva em relação a pessoa “amada e igualmente estranha e odiada”, como propõe o mestre vienense, em algumas passagens de *Reflexões sobre tempos de guerra e morte* (Freud, 1915), tais como:

Quando se trata da morte de outrem, o homem civilizado cuidadosamente evita falar de tal possibilidade no campo auditivo da pessoa condenada. Apenas as crianças desprezam essa restrição e desembaraçadamente se ameaçam umas às outras com a possibilidade de morrer, chegando inclusive ao ponto de fazer a mesma coisa com alguém que amam (...). (Freud, 1915, p. 327).

E

Ao lado do corpo sem vida da pessoa amada, passou a existir não só a doutrina da alma, a crença na imortalidade e uma poderosa fonte de sentimento de culpa do homem, mas também os primeiros mandamentos éticos. A primeira e mais importante proibição feita pela consciência que despertava foi: “Não matarás.” Surgiu em relação a pessoas mortas que eram amadas, como uma reação contra a satisfação do ódio que se ocultava sob o pesar, estendendo-se gradativamente a

De aspirante à inspirante, efeitos plásticos de um luto e de sua travessia

estranhos que não eram amados e, finalmente, até a inimigos. (Freud, 1915, p. 334).

Ou ainda nessa, extraída de “O mal-estar na civilização”:

Se a civilização constitui o caminho necessário de desenvolvimento, da família à humanidade como um todo, então, em resultado do conflito inato surgido da ambivalência, da eterna luta entre as tendências de amor e de morte, acha-se a ele inextricavelmente ligado um aumento do sentimento de culpa, que talvez atinja alturas que o indivíduo considere difíceis de tolerar. (Freud, 1929-30, p. 157).

Assim, fundamentados em Freud, mas, também em Lacan, entendemos que o livro que resenhamos toca no mais íntimo das relações entre três/quatro mulheres: ela, a autora; sua mãe e irmã(s). Incluo a irmã mais nova autorizada pelo trecho: “A terceira filha foi gestada a partir do desejo de mitigar uma perda. Isso amenizou um pouco seu sofrimento, mas ainda hoje me parece que a filha que morreu e a que nasceu se encontram entrelaçadas numa teia obscura.” (Barros, 2022, p. 37).

Tangenciando os movimentos de alienação e separação engendrados pela protagonista, uma criança impotente para se haver com a traumática situação em que se viu colocada; uma irmã mais nova que, por fatalidade do destino, morre e uma caçula que nasce para cumprir o papel designado à morta, tendo que “valer por duas”, um legado anteriormente atribuído à protagonista, e que “lhe foi transferido, para sua infelicidade” (Barros, 2022, p. 16), o livro de Eliana traz à baila questões de fronteira, fazendo apelo a uma separação no espaço. Real ou metaforicamente, a questão territorial aí suscitada implica a relação do sujeito com seu lugar e o contexto que a define, ilustrando uma certa necessidade que se presentifica no texto, na trama, no espaço ficcional, de esculpir o seu próprio lugar.

Desgovernada e dominada por uma sensação terrificante, tive vontade de gritar, mas sofri um bloqueio verbal. Minha garganta se fechou, travou como fechadura emperrada. Minha voz esvaeceu. Fui tomada por intenso pavor. Trêmula, saí correndo, em meio a um choro engasgado. O medo retardava meu pensamento, confundindo minha cabeça. As palavras tiveram de abrir passagem no nó instalado na minha garganta e no meu peito. (Barros, 2002, p. 57).

Como superar/transpassar tal experiência de horror? Como retomar o fio significante do desejo interrompido pela presença da fatalidade? O que fazer com essa fenda, ferida aberta, diante de tão brusco e inesperado acontecimento? O horror introduzido por tal experiência traumática, trazida na escrita de Eliana, traduz, faz vir ao espírito, o aspecto irreduzível da diferença no real, a manutenção do pensamento, bem como a confrontação com os próprios limites do simbolizável. O trágico engendrado pelo desencontrado encontro com o traumatismo materno e com uma fatalidade mórbida que, inesperadamente, diante de seus olhos, ceifa a vida de uma criança, representa, como a ausência, uma angustiante impossibilidade de saber. Impossibilidade que diz respeito tanto ao gozo do Outro, como a um real inassimilável.

Ultrapassando a recusa da feminilidade, saída talvez encontrada por algumas das outras personagens da trama, fator essencial de resistência do sujeito à verdade que lhe pertence e que poderia afogá-la, embriagando-a em alguma forma de gozo mortífero, a autora cunha seus próprios significantes no rochedo da castração, nas “frestas do indizível”. “De-sidera”, como nos indica Alain Didier-Weill (1995), em *Os três tempos da lei*, ou seja, para além do emudecimento paralisante, reencontra suas próprias palavras: “aquelas grafadas na carne, carecendo ser ressignificadas, reescritas, na tentativa de dar conta do que assola”. (Barros, 2022, p. 15).

A autora nos oferece um testemunho singular do atravessamento de regiões inundadas de silêncio, solidão e escuridão, apontando, no enfrentamento de sua angústia, desbravando a barragem do interdito, como foi possível, do fundo do profundo poço de sua dor, extrair elementos articuláveis que foram iluminados pela sublime tessitura de seu texto poético.

Sua letra desenha a borda no furo do saber, um vazio preenchido de gozo. Constituída por significante e gozo, é ao mesmo tempo litoral e denominador comum dos registros simbólico e real. Enquanto marca, a letra para, detém o significante enquanto causa de gozo, cuja propriedade é estar sempre em deslizamento, sempre a vazar, em uma deriva infinita, fixando o gozo no corpo. Um possível sossego ao desassossego? O texto de Eliana indica-nos que sim.

A partir de sua travessia analítica, com suas letras, ousando bordejar nas frestas do indizível, Eliana esculpe para si um lugar, a partir de uma radical e precoce experiência de desmoronamento. Lugar de um exílio estrutural que é paradoxalmente abertura à

diferença, onde se pode fazer com a saudade algo muito mais radical do que a insistência repetitiva do mesmo.

Diante desse trabalho inspirador, nada mais resta do que recomendar a todas as almas que não recuam ante ao laborioso esforço de visitar seus mortos, valendo-se de seus restos, a leitura dessas sensíveis “Frestas”, aberturas que revelam a potência *curadora* da escrita.

Referências

- BARROS, Eliana Luiza dos Santos. **Frestas do indizível**. Rio de Janeiro: Contra Capa; Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, 2022.
- DIDIER-WEILL, Alain. **Os três tempos da lei**: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FREUD, Sigmund. (1915) Reflexões sobre tempos de guerra e morte. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** – Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 14.
- FREUD, Sigmund. (1930[1929]) O mal-estar na civilização. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** – Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 21.

LUCIA MARIA DE FREITAS PEREZ

Psicanalista.

Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro.

Professora Associada 2, do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (DFE/UNIRIO).

Professora do Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Doutora em Ciências da Saúde (Psicanálise), pelo Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ).

luciafreitasperez@gmail.com

Orcid: 0000-0001-7060-9151

Citação:

PEREZ, Lucia Maria de Freitas. De aspirante à inspirante, efeitos plásticos de um luto e de sua travessia. Resenha do livro *Frestas do indizível*, de Eliana Luiza dos Santos Barros. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, ago. 2022.

Submetido: 04.08.2022 / Aceito: 06.08.2022

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

